

## SIMPÓSIO AT191

### **ENSINAR E APRENDER LÍNGUA PORTUGUESA NO *YOUTUBE*: O QUE MUDA E O QUE PERMANECE?**

LOBO-SOUSA, Ana Cristina  
UFMT/PIBID  
crisloup@gmail.com

VACARO, Lara Oliveira  
UFMT  
laravacaro96@gmail.com

Resumo: O acesso ao conhecimento tem sido cada vez mais democratizado com os canais do *YouTube*. Aprender conteúdos que fazem parte do currículo escolar/acadêmico ou mesmo complementar os estudos também tem sido uma prática adotada por muitos discentes na universidade quando eles se deparam com assuntos que se lhes apresentam com alguma dificuldade. Nesse sentido, procurando conhecer o que tem chamado a atenção de nossos discentes no ambiente digital, especificamente na plataforma *YouTube*, propomos uma análise de canais educacionais cujo conteúdo fosse a Gramática Normativa de Língua Portuguesa, considerando a concepção de língua presente nos vídeos, os conteúdos temáticos mais recorrentes e os aspectos hipermodais (LEMKE, 1998) utilizados nessas aulas. A proposta de pesquisa é parte do plano de ação desenvolvido no âmbito do Subprojeto Letras-Língua Portuguesa, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-2018) desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso, campus de Rondonópolis. Para a análise, valemo-nos do aporte teórico da Linguística Textual, com as concepções de linguagem (KOCH, 2002; TRAVAGLIA, 2003) e de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2002). Foram selecionados três canais com número de inscritos significativo, por meio dos quais pudemos verificar que a concepção de língua adotada nesses canais relaciona-se com a concepção de um ensino de língua materna prescritivista e que privilegia uma norma linguística em detrimento de outras. Além disso, no tocante aos recursos hipermodais, esses são utilizados para a interação por meio do gênero “aula” com os internautas, quase nunca em favor de uma apresentação hipermodal de conteúdos.

Palavras-chave: Videoaula no *YouTube*; Ensino de Língua Portuguesa; Gênero Textual; Ambiente digital; Multimodalidade/Hipermodalidade.

Abstract: Access to knowledge has become increasingly democratized by means of YouTube channels. Learning content that is part of the school/ academic syllabus, or even to complement studies, has been a practice adopted by university students when faced with issues that offer a certain level of difficulty. Thus, in order to identify what has attracted the attention of our students in the digital environment, specifically on the YouTube platform, we have examined educational channels whose main content is the Normative Grammar of the Portuguese Language, taking into consideration the conception of language tackled in the videos, the most recurrent themes, and the hypermodal resources (LEMKE, 1998) used in these classes. This research proposal is part of the action plan developed under the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarship (PIBID-2018) subproject, in the area of Portuguese Language Teaching, developed at the Federal University of Mato Grosso, Rondonópolis campus. The analysis carried out was based on the theoretical support of Text Linguistics, chiefly the

conceptions of language (KOCH, 2002; TRAVAGLIA, 2003) and text genres (MARCUSCHI, 2002). We have selected three channels with a significant number of subscribers, through which it has been verified that the conception of language adopted in these channels is related to the notion of a prescriptive teaching of the mother tongue, which privileges the standard language to the detriment of other varieties. Moreover, in terms of hypermodal resources, these are used for interaction within the “classroom” genre with netizens, hardly ever in favour of a hypermodal presentation of content.

Keywords: Video lessons on YouTube; Portuguese language; Text genre; Digital environment; Hypermodality.

### Considerações iniciais

Foi-se o tempo em que podíamos alegar que faltava produção bibliográfica preocupada com o ensino de gêneros textuais do ambiente digital para as aulas de Língua Portuguesa. Várias obras, de importantes pesquisadores brasileiros, apresentam sugestões didáticas (RIBEIRO; NOVAIS, 2012; ROJO, 2013; KERSCH; COSCARELLI; CANI, 2016;) ou protótipos (ROJO; MOURA, 2012;) que privilegiam diferentes práticas de linguagem (BARTON; LEE, 2015), afinal, vivemos hoje o que se pode denominar “tempos digitais” (COSCARELLI, 2016).

Apesar disso, ao menos na área dos estudos da linguagem, carecemos de pesquisa que se debruce sobre o gênero textual aula, considerando que, como docentes de língua materna, recebemos nas escolas e também nas universidades, há algum tempo, os nativos digitais (PRENSKI, 2001). De acordo com Tapscott (2010), e com quem em parte concordamos, os jovens da Geração Internet cresceram em um ambiente digital e estão vivendo no século XXI, mas o modelo de educação que ainda prevalece é o das aulas expositivas, ainda que o contexto sobre o qual discorra o autor seja o da realidade americana.

Se, por um lado, há práticas inovadoras centradas no aluno e preocupadas com sua autonomia em um mundo cada vez mais digital, por outro lado, ainda temos muito a compreender sobre o texto contemporâneo, multissemiótico ou multimodal, envolvendo diversas linguagens, mídias e tecnologias (ROJO, 2013). Uma aula de Língua Portuguesa em uma plataforma de vídeos, como o *YouTube*, pode levar a pensar que se está inovando simplesmente pela mudança de suporte.

Chegamos a essa constatação quando nos deparamos com depoimentos espontâneos de alunos que comentavam, nos encontros semanais para estudo

do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, doravante Pibid, sobre as videoaulas que assistiam sobre os mesmos assuntos estudados em sala de aula. Quando os alunos bolsistas eram solicitados a planejarem uma exposição oral sobre um tema, seja das disciplinas do curso de Letras- Língua Portuguesa, seja das leituras do Pibid, a consulta ao *YouTube* era ainda mais frequente.

Com efeito, as aulas dessa plataforma suscitaram nossa curiosidade e resolvemos investigar que canais eram assistidos, momento em que se desenhou a proposta deste artigo: analisar canais educacionais cujo conteúdo fosse a Gramática Normativa de Língua Portuguesa, considerando a concepção de língua presente nas videoaulas, os conteúdos temáticos mais recorrentes e os aspectos hipermodais (LEMKE, 1998) utilizados nessas aulas.

A fim de apresentarmos nossa análise, organizamos este trabalho da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos as principais noções que orientam o estudo no que diz respeito à noção de língua e aos aspectos mutissemióticos ou multimodais e hipermodais que fundamentam nosso olhar para as videoaulas do *YouTube*. Em seguida, na segunda seção, esclarecemos os procedimentos metodológicos adotados para, na terceira seção, aplicarmos nossas categorias de análise. Ao final, na última seção, tecemos nossas considerações finais.

## **1 Noções de linguagem e novas textualidades**

De acordo com Travaglia (2002), a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua é importante para o ensino de língua materna porque o modo como a natureza da língua é concebida altera o como se estrutura o trabalho com a língua no (TRAVAGLIA, 2002). Segundo o autor, a concepção de linguagem e a postura relativa à educação são igualmente importantes (TRAVAGLIA, *ibidem*). Por essa razão, é importante considerarmos com o autor pelo menos três possibilidades distintas que são apresentadas para se conceber a linguagem.

Segundo o linguista, há uma primeira concepção de linguagem a define como expressão do pensamento. De acordo com essa concepção, as pessoas constroem a expressão no interior da mente e a exteriorizam em uma espécie de tradução. Se essa capacidade de organizar o pensamento for organizada,

assim será sua expressão. Essa concepção não considera, portanto, o interlocutor e as condições de produção do enunciado. É o que está presente em um ensino de língua prescritivista, cuja perspectiva de gramática é normativa ou tradicional.

A segunda concepção, consoante Travaglia (2002), concebe a linguagem como instrumento de comunicação e a língua como um código a ser transmitido de um emissor a um receptor. Nesse sentido, o código deve ser utilizado de maneira convencionalizada, a fim de que o receptor possa decodificar a mensagem. Aqui também não se tem a consideração do interlocutor, dado que o foco está no funcionamento interno da língua.

Por fim, a terceira e última concepção de linguagem apontada por Travaglia (2002) diz respeito à linguagem como forma de interação. Segundo essa concepção, o indivíduo, longe de exteriorizar um pensamento ou transmitir informações a outrem, ao usar a linguagem realiza ações, pois atua sobre o interlocutor. Essa definição tem em Bakhtin (2004 [1929], p. 121) seu fundamento epistemológico ao postular que “a verdadeira substância da linguagem [...] é o funcionamento social da interação verbal”.

Além de compreendermos que noção de linguagem subjaz à prática docente, também é preciso considerar que as formas de aprender vêm se resignificando e que um olhar atento ao que nossos estudantes estão assistindo pode revelar, ao menos parcialmente, um pouco de suas preferências no que diz respeito às práticas de letramento digital e, quem sabe, acerca de nosso modo de ministrar aulas. Não há como negar que lidamos hoje com novas práticas de letramento na hipermídia (ROJO, 2013).

Neste trabalho, estamos considerando que as videoaulas do *YouTube* são “textos da hipermídia” (ROJO, 2013, p. 8) baseados em vídeo por consideramos. Preferimos considerá-las textos hipermodais porque a menção às multissemioses ou multimodalidades poderia limitar-se à mistura de semioses, ao passo que o adjetivo “hipermodal” aponta para as possibilidades hipertextuais, multimidiáticas e hipermodais do texto em ambiente digital.

Quando falamos de modalidades de linguagem ou multissemioses, referimo-nos à imagem dinâmica ou estática, ao som e à fala. Quando, porém, fazemos referência à hipermodalidade, levamos em conta os recursos hipertextuais presentes exclusivamente em um suporte que é virtual, tal como os

*links* do ambiente digital, os quais remetem a outros textos de diferentes naturezas. Essa consideração é importante para ampliarmos nosso olhar ao analisarmos as videoaulas assistidas pelos sujeitos de nossa pesquisa. Em seguida, apresentamos os procedimentos que orientam nossa análise.

## 2. Procedimentos metodológicos adotados

Esta pesquisa se inscreve no paradigma interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32) por acreditar que “não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes”. Assim, aplicamos, em um primeiro momento, um questionário contendo dez questões, sendo sete objetivas e três discursivas para identificarmos qual canal do *Youtube* é predominantemente acessado pelos pibidianos.

O questionário foi respondido por 20 (vinte) bolsistas, estudantes da graduação do curso de Letras-Língua Portuguesa da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), *campus* de Rondonópolis, do segundo e terceiro anos, com faixa etária entre 19 e 51 anos.

Em um segundo momento, procedemos à análise propriamente dita, quando assistimos a 15 videoaulas do canal, correspondendo a aproximadamente 4 horas e meia de videoaulas. Como critérios para a escolha dos vídeos, privilegamos conteúdos de gramática normativa de Língua Portuguesa, sendo descartados vídeos acerca de Literatura, Interpretação de texto e Produção textual, temas que também são abordados no canal. As videoaulas analisadas foram publicadas no canal entre os anos de 2017 e 2019, o que será apresentado na seção a seguir.

## 3. O que há de novo nas videoaulas de Língua Portuguesa do *YouTube*?

O canal do “Professor Noslen: simplificando a língua portuguesa”, apontado como o mais assistido por nossos pibidianos, contava com mais de 2 milhões de inscritos e mais de 90 milhões de visualizações por ocasião da redação deste artigo. Criado em outubro de 2015, o canal possui cerca de 240 vídeos dedicados ao ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Redação e tem à frente das videoaulas o professor de Língua Portuguesa que deu nome ao canal. A figura a seguir apresenta a página introdutória do canal:

Figura 01





Fonte: <<https://www.youtube.com/channel/UCwSxSjQpSRpEsq5-YUbM8g/about>>

Segundo o canal, trata-se de um espaço ensinar “a Língua Portuguesa de maneira descomplicada a estudantes do Brasil inteiro” (NOSLEN, on-line).

Entre os vídeos assistidos, destaca-se a videoaula intitulada “Os 10 erros mais comuns na Língua Portuguesa”, publicada em fevereiro de 2018. O professor costuma iniciar seus vídeos com o uso de variedade linguística que mescla norma padrão e outras normas, que vão da culta ao coloquialismo (BAGNO, 2002), na tentativa de se aproximar de diferentes interlocutores. O uso de “*de boas, aí*” para indagar como estão seus seguidores/interlocutores e o tópico “*parada muito legal*” para referir-se ao assunto do vídeo demonstram a versatilidade linguística do professor.

Ao iniciar a exposição, contudo, o professor afirma que tratará de “*coisa do cotidiano, coisa do dia a dia que as pessoas usam e usam errado*” (NOSLEN, on-line). A afirmação inicial da exposição já é suficiente para constatar que o professor se filia em uma tradição que considera uma norma, a padrão, como “correta” e o que difere dela como “errada”. A exposição segue constituída pela apresentação de exemplos com os “supostos erros” e seus respectivos usos consoante a norma padrão, mesmo quando a própria gramática normativa relativiza o uso ou quando certas ocorrências estão dicionarizadas.

Como exemplo, pode ser constatado com o verbo “lembrar”, o qual possui diferentes regências, as quais vão além de considera-lo pronominal ou não, bastando para isso realizarmos uma consulta atenta ao dicionário de regência verbal do respeitado Celso Pedro Luft (LUFT, 2010).

Também o uso de “mesmo” como anafórico é apresentado pelo autor para lembrar que não constitui “uso correto”, o que desconsidera o fenômeno de gramaticalização ali presente. O professor chega a fazer menção às expressões

“exemplo certo” e “exemplo errado” em uma clara remissão à tradição, sem observar, contudo, usos legitimados na língua.

Em outra videoaula analisada, postada em agosto de 2018, sob o título “Internetês: pode ou não pode?”, o professor explica sobre o uso das abreviações no ambiente digital de maneira generalizada, desconsiderando os diferentes gêneros do ambiente digital. O docente enuncia que *“usar ‘mais’ no lugar de ‘mas’, isso é um erro [...] isso tá mostrando que você não sabe a diferença entre ‘mais’ [...] do contrário, né, que é ‘mas’* e, posteriormente, ressalta *“jamais abandone a norma culta”* (NOSLEN, on-line).

Diante da breve análise aqui apresentada e dos vídeos por nós assistidos, é possível inferir que o professor desse canal adota em sua prática a concepção de linguagem como expressão do pensamento, por meio da qual é necessário um pensamento lógico a ser expresso a partir de regras prescritas como o modelo a ser seguido, desconsiderando o gênero textual, o interlocutor e as variedades linguísticas. Em nenhum momento, porém, o professor faz a ressalva de que “o certo” e “o errado” o são para uma perspectiva de gramática, a saber, a normativa ou tradicional.

No tocante aos recursos hipermodais utilizados nessas videoaulas, é curioso constatar que, em nenhum momento, o conteúdo de Língua Portuguesa é apresentado de maneira dinâmica, com imagens em movimento ou quaisquer outros efeitos. Os temas abordados não diferem do que se vê em um índice de gramática normativa.

O uso de músicas em seus vídeos não difere daquilo que se poderia ter em uma aula presencial, posto que não há o uso de recursos hipertextuais ou hipermodais em sua exposição. Aliás, a sequência textual expositiva (BRONCKAR, 199) no gênero textual aula é realizada de maneira semelhante ao que se tem fora do ambiente virtual, com privilégio para as informações verbais. Se a aula segue o mesmo formato, a videoaula apresenta uma breve vinheta com vários efeitos gráficos, entre os quais se destaca o *chroma key*, o que atribui um caráter profissional aos vídeos. Apesar da linguagem informal adotada na interação com os internautas, o professor Noslen sempre privilegia as variedades culta ou padrão da língua para explicar o conteúdo, apesar de seu estilo descontraído e bem-humorado, mas condizentes com seu jaleco branco.

#### 4 Considerações finais

Considerar as videoaulas do *YouTube* assistidas por nossos discentes nos fez perceber que o gênero textual aula, no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, não apresenta novidade quando realizado em ambiente digital. Isso porque o conteúdo de linguagem continua a ser apresentado em uma aula expositiva com privilégio para a linguagem verbal em sua modalidade escrita. De fato, estamos diante de novos ambientes de aprendizagem, o que não significa dizer que não estejamos reiterando velhas concepções apenas em novos suportes.

#### Referências

- BAKHTIN, Mikhail. [VOLOSHINOV]. **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004 [1929].
- BARTON, David. LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRONCKART, Jean. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: Educ, 1999.
- KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.). **Multiletramentos e multimodalidade**: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário de regência verbal**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- NOSLEN, Professor. **Internetês: pode ou não pode? [Prof. Noslen]**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OQZNX6oQbXQ&t=295s>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- NOSLEN, Professor. **Os 10 erros mais comuns da Língua Portuguesa [Prof. Noslen]**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tTfkk4-40No&t=290s>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- RIBEIRO, Ana Elisa; NOVAIS, Ana Elisa Costa. **Letramento digital em 15 cliques**. Belo Horizonte: RHI, 2012.
- ROJO, Roxane. (Org.) **Escol@ conectad@**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.